

No tempo e território da escrita: entrevista com João Tordo

BRUNO MAZOLINI DE BARROS

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Porto Alegre, RS, Brasil.



JOÃO TORDO nasceu em Lisboa, em 1975. Formado em Filosofia, além de escritor de contos e romances, conduz oficinas de escrita criativa e atua como roteirista para televisão. Dentre os dez romances publicados até o momento, os seguintes foram lançados no Brasil: *O livro dos homens sem luz* (Rocco, 2006); *As três vidas* (Língua geral, 2010); *O bom inverno* (Língua Geral, 2012); *Anatomia dos mártires* (Leya, 2013); e *Biografia involuntária dos amantes* (Companhia das Letras, 2017).

Participou como roteirista em *O segredo de Miguel Zuzarte*, *Liberdade 21* e em *País irmão*, todos projetos para o grupo RTP, rede televisiva portuguesa. Foi vencedor do Prémio Literário José Saramago, e finalista dos prêmios Portugal Telecom, Prémio Fernando Namora, Melhor Livro de Ficção Narrativa da SPA (Sociedade Portuguesa de Autores) e do Prémio Literário Europeu. Algumas de suas obras contam com traduções para francês, italiano, alemão e húngaro.

Recentemente, João Tordo finalizou a “Trilogia dos lugares sem nome” (*O luto de Elias Gro*, 2015; *O paraíso segundo Lars D.*, 2016; e *O deslumbre de Cecilia Fluss*, 2017) e lançou o romance *Ensina-me a voar sobre os telhados* (2018), todos pela Companhia das Letras em Portugal. A entrevista aborda temas de sua narrativa, questões acerca de sua escrita e de seu papel como autor no século XXI em Portugal.

BRUNO MAZOLINI DE BARROS – Um ponto central em sua ficção é a solidão. Há sempre personagens sozinhas, em locais solitários ou ermos, personagens que estão retiradas de um convívio social de certo modo. Outra questão que caminha junto com o tema da solidão é a memória. Por que o retorno a esses tópicos?

⇒ **JOÃO TORDO** – A solidão humana é um dos pontos centrais da minha obra. É uma constante dos meus livros, a colocação das personagens numa situação de isolamento da qual dificilmente poderão sair, uma espécie de lugar de purgatório. Talvez eu entenda a experiência humana dessa maneira – um mergulho involuntário no interior daquilo que somos, para emergir do outro lado com outra compreensão, renovados. Em *O luto de Elias Gro* há um homem que se isola num farol; em *O deslumbre de Cecilia Fluss* o personagem, um miúdo de 14 anos, cai num buraco na floresta e fica preso dentro do buraco. Em *O ano sabático* há um homem fechado num apartamento com um contrabaixo apodrecido, entre outros. A questão da memória é também um interesse pessoal, pois observo, com o passar do tempo, a degradação das faculdades cognitivas e a dificuldade em lembrar o passado (e fazer

sentido do presente) como um dos grandes obstáculos e desafios à compreensão e aceitação de nós próprios. A Literatura pode ajudar.

BMB – Seu trabalho vai do conto de terror, passando pelo romance e chegando, como recentemente, à série televisiva *País irmão*? Essas diferentes empreitadas com a narrativa guardam semelhanças ou o processo criativo deles, assim como os temas, são particulares? Como organiza-se e prioriza cada um deles?

⇒ **JT** – Em primeiro lugar estão os romances, que é o meu território. Todo o resto está noutra plano, também profissional e, eventualmente, de prazer e companheirismo (quando escrevo roteiro faço-o geralmente acompanhado de outros escritores). Mas quando escrevo um livro estou a aceder a um lado único do meu processo cognitivo e experiencial que, nos outros casos, não acontece. Julgo que nasci romancista, mas também escrevo outros géneros, com maior ou menor capacidade. Por vezes, o outro trabalho “rouba” tempo ao escritor, mas também é verdade que aprendo muito sempre que escrevo contos ou roteiro, e dão-me ideias para os romances.



BMB – De que maneira encara o ofício literário e sua própria obra no contexto atual de Portugal? Vê-se como parte de uma tradição? Nesse contexto, quem o sr. identifica como seus pares?

☞ **JT** – O contexto actual em Portugal é muito rico. Temos muitos escritores relativamente jovens de imensa qualidade e traduzidos por todo o mundo. O ofício, para mim, implica uma dedicação extrema ao trabalho literário, pedindo uma dose de risco, de rasgar de fronteiras, e de consciência muito clara do que estou aqui para fazer. É muito fácil desviar-me do caminho e começar a atribuir importância a coisas que não a têm. Isto é: participar em eventos públicos, festivais literários, viagens e encontros é muito útil e agradável, mas o tempo da escrita é outro e, pelo menos no meu caso, carece de isolamento, quotidiano, rotina e maturidade. Eu encontro o meu espaço de criatividade, muitas vezes, no tédio, no aborrecimento, no ficar no mesmo lugar até que alguma coisa aconteça. A minha tradição é essa, a da escrita que floresce da angústia, da inquietação. Do “querer estar noutro lado qualquer”, obrigando-me a estar aqui, onde estou. Os meus pares são os escritores portugueses desta geração (Tavares, Cruz, Mãe, Gonçalves, Peixoto, Machado, entre outros)¹, mas a minha tradição literária remonta ao século XIX e à perspectiva da literatura como resposta à angústia.

BMB – Ao ministrar cursos de escrita criativa, que cuidados tem na seleção de material bibliográfico e referências para os participantes? Afinal, o sr. parte de um cânone, mesmo que pessoal, para demonstrar a arte do romance, e sempre há implicações nisso, como omissões ou preferências estéticas que acabam transparecendo em qualquer seleção.

☞ **JT** – Tenho o cuidado de seleccionar a literatura que me formou, aquela que foi importante para mim e que fez a minha tradição. Eu não ensino escrita criativa, mas sim escrita literária; são coisas diferentes. Nos meus cursos, quando eles acontecem, falamos dos mestres com os quais eu aprendi, mas qualquer um é livre de trazer para as aulas os autores que acha importantes. É um espaço democrático.

BMB – Em que medida espera que uma oficina de escrita ajude na produção literária de outros e quais os desafios e as conquistas em poder ensinar a escrever? Isso afeta sua própria produção artística?

☞ **JT** – Não vejo as oficinas de escrita assim. São momentos de partilha de experiências. O que as pessoas escrevem é o trabalho delas, pessoal e intransmis-

sível. Eu procuro partilhar a minha experiência literária e ajudar no que puder, mas pouco mais. Quem é escritor será escritor sempre, passando ou não por um curso.

BMB – Diferentemente de seus romances, que se passam geralmente em Portugal, Espanha, EUA e Inglaterra, o Brasil tem destaque em *País irmão*. Quais os cuidados, ou até mesmo concessões, que o sr. e a equipe tiveram com o roteiro, para que ele não caísse, por exemplo, em uma estereotipização dos países, dos povos ou das culturas envolvidas? Antes desse projeto, qual a sua relação com o Brasil, além dos livros publicados no país?

☞ **JT** – A minha relação com o Brasil começou por causa dos livros. Fui várias vezes ao Brasil (Recife, Rio de Janeiro, São Paulo, etc), para apresentar a minha obra e a festivais literários. É um país de que gosto muito, com uma enorme tradição literária muito estudada em Portugal. É um grande prazer ter os meus livros publicados aí, e conheço bem muitos escritores brasileiros dos quais sou amigo: Paulo Scott, Tatiana Salem Levy, João Paulo Cuenca, etc. Em relação ao projecto da RTP (*País Irmão*), foi uma ideia de três roteiristas: eu, o Tiago R. Santos e o Hugo Gonçalves, e tivemos todo o cuidado para dar uma imagem fiel dos portugueses e brasileiros através de um meio que nos é comum: a novela.

BMB – O fato de ter suas obras publicadas em diversas línguas afeta sua escrita de alguma maneira? O trabalho com a linguagem, caro ao seu romance, sofre alguma influência, por exemplo, se o sr. considera a presença de um leitor brasileiro ou o trabalho de um possível tradutor?

☞ **JT** – Não, não afecta em nada. Eu escrevo cada livro como se nunca tivesse escrito um livro antes; como se aquela fosse a primeira e última história que o narrador alguma vez irá contar. O trabalho com a linguagem é o mais importante, pois na linguagem está contida a voz, o ponto de vista, a amplitude de uma narrativa.

BMB – Muitos autores de destaque do século XXI estão emaranhados em fenômenos que, até então, a tradição literária desconhecia: a proliferação de prêmios, as jornadas em feiras literárias, a interação em mídias sociais, os editais de auxílio governamentais, etc. Como o sr. se relaciona com o impacto disso no campo literário e em seu próprio ofício?

☞ **JT** – Tenho uma relação ambivalente. Por um lado, gosto de participar para poder levar a minha obra o mais longe possível. Por outro, sei perfeitamente que essas jornadas são “espalhafato”, fenômenos temporários e

¹ Respectivamente, Gonçalo M. Tavares, Afonso Cruz, Valter Hugo Mãe, Hugo Gonçalves, José Luís Peixoto, David Machado.

passageiros que, às vezes, distraem do essencial, que é a escrita e o tempo “morto”, do tédio e do aborrecimento, que, para mim, são essenciais para a criação. Para mim o exercício, muitas vezes, é este: acordar todos os dias e pensar – um dia, vou morrer. Não estarei mais aqui. O que é que é essencial? E a resposta é sempre a mesma: escrever.

Recebido: 08/05/2018
Aprovado: 28/05/2018

Autor:

BRUNO MAZOLINI DE BARROS
Professor. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
Porto Alegre, RS, Brasil.
brunomazolini@gmail.com
 0000-0002-7402-991X